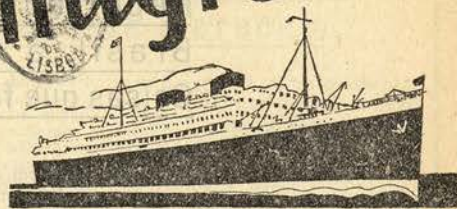




O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216.2.º —
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA...

Justa reclamação

A firma E. Pinto Basto & C.ª Ltd.ª, escreveu à Direcção uma longa carta, chamando a sua atenção para um facto que se está dando com lamentável frequência, que merece ser corrigido quanto antes.

Trata-se do desrespeito à recomendação de estarem às horas marcadas naquela agência, para a realização da matrícula no Consulado Inglês.

A matrícula do navio depois de assinada por todos perante o Consul Inglês segue imediatamente para outros consuladados da nacionalidade dos portos que o navio vai escalar, começando por Las Palmas até ao Rio da Prata, afim da documentação se encontrar nos mesmos a horas marcadas.

Uma vez que a matrícula no Consul Inglês demore, vai automaticamente atrazar os serviços dos outros consuladados, resultando o pagamento dos elevadíssimos encargos a pagar aos mesmos pelos serviços extraordinários.

Basta que falte um à hora marcada para que a matrícula sofra uma demora, sabido que ela tem de ser feita conjuntamente. Isto já tem acontecido muitas vezes, o que não pode continuar.

E antes que superiormente tenhamos de lamentar qualquer resolução violenta, mas justificada, emprasamos todos os associados a estarem naquela agência às horas marcadas para a matrícula do Consul, para prestígio e bom nome do Sindicato, e até mesmo no interesse individual dos sócios.

Os velhos

O eterno problema da reforma dos inválidos da classe continua sem solução. No Ministério do Interior permanece, sem despacho, o processo pelo qual o assunto teria arrumação.

Entretanto, a direcção vê-se impotente para resolver a alitiva situação de três associados que estão em terra, com fome, e que todos os dias vêm à sede, implorar auxílio.

Tão dolorosa é a situação desses colegas que a direcção, na sua próxima reunião vai tomar uma decisão importante, que certamente a assembleia geral sancionará, a qual consiste em auxiliar esses colegas por intermédio da Caixa de Auxílio, com um subsídio especial.

UMA LIÇÃO

O Sr. Dr. Abel Varzim, ilustre deputado da Nação, e chefe da redacção do brilhante jornal *O Trabalhador*, cujas colunas se enriquecem com a sua colaboração sempre preciosa, fez há pouco tempo na Assembleia Nacional, um aviso prévio, sobre a actuação dos sindicatos nacionais.

Dêsse discurso, no qual o ilustre deputado e devotado amigo dos trabalhadores fez afirmações notáveis e dolorosamente verdadeiras, transcrevemos a primeira parte, extraída do Diário das Sessões da Camara.

«O homem é um ser, por natureza, social. Isolado, sozinho, nada pode fazer. Desde o berço à tumba nós somos devedores para com todos os nossos irmãos. O que vestimos, o que comemos, a nossa própria educação, tudo nos foi dado pelo trabalho dos outros homens. De maneira que eu nada seria, nem nada poderia ser, se não tivesse tido constante e permanentemente o concurso dos outros homens a trabalharem para mim.

Eu tenho, portanto, para com eles todos uma dívida a pagar, uma dívida de justiça. Aquilo que eles me deram devo retribuí-lo empregando tãda a minha actividade, todo o meu esforço, tudo aquilo de que sou capaz para o bem comum.

O meu trabalho profissional, a minha actividade, não tem outro fim senão pagar à humanidade, pagar à sociedade de que faço parte uma dívida de justiça social.

A profissão seja industrial ou operária, o funcionário público e o advogado, o médico ou o sacerdote trabalham e devem trabalhar, não para ganhar a sua vida mas para pagar esta dívida de justiça. Só cumprindo este dever é que se adquire o direito de receber da sociedade o suficiente para se manter, para viver

condignamente, com o trabalho prestado.

Portanto, a actividade industrial, que é aquela que me interessa actualmente, é uma actividade que se deve dirigir primeiro para prestar um serviço social, e só em segundo lugar, e como consequência dêste fim primário, dá o direito à recompensa. E tanto mais direito a uma remuneração maior quanto mais útil e maior for o serviço prestado à sociedade.

Tudo pela Nação, nada contra a Nação. Interpreto esta maneira de dizer pela compreensão dêste princípio social. O liberalismo inverteu esta idea, afirmando que todos os homens se movem pelo seu interesse pessoal, e, mais do que isso, aconselhou todos os homens a só se moverem pelos seus interesses individuais. O liberalismo subverteu a boa harmonia e a paz da sociedade.

Como consequência, movendo-se os homens pelos seus interesses individuais, começaram a triunfar na sociedade os mais ousados, os menos escrupulosos, aquêles que tinham mais possibilidades de vencer na luta.

Foi assim que nós chegámos a uma questão social. Ao lado de um número reduzido daquêles que tudo tinham, uma multidão imensa daquêles que nada possuíam. Esta situação era uma injustiça, e uma injustiça social.

A Revolução Nacional veio repôr as cousas no seu lugar, e teve e tem como mira, fundamentalmente, a restauração da ordem social. Todos a trabalhar para o bem comum, para depois adquirirem o direito a receber a condigna paga do seu esforço.

Encontramos marcado, magistralmente, este fim da Revolução Nacional nesta frase já consagrada: *enquanto houver um lar sem pão a Revolução continua.*»

BARRA FORA...

Uma obra meritória

A Fundação Nacional para a Alegria do Trabalho, prestimoso organismo que tão revelantes serviços tem prestado aos trabalhadores, resolveu aplicar o subsídio de 20 contos dado pelo Ministério das Obras Públicas para auxílio dos desempregados dos sindicatos nacionais, na distribuição de senhas de almoços, a servir nos refeitórios de Lisboa e Porto.

Ao nosso sindicato coube 4 séries de 6 almoços que foram entregues a outros tantos associados necessitados.

Os nossos agradecimentos.

Prestando justiça

Assim como não temos reboço em mostrar o nosso desgosto aquêles que nos dificultam a vida, com o mesmo espirito de lealdade prestamos justiça aos que directa ou indirectamente nos auxiliam e consideram.

Está neste último caso o Sr. Tenente Orlando Luiz d'Oliveira delegado do P. V. D. E. e comandante da Polícia do Funchal que com notável espirito de imparcialidade e exacto cumprimento dos seus deveres, tem dirigido os serviços de emigração do Funchal.

Bem haja o Sr. Tenente Orlando Luiz d'Oliveira pelo seu proceder, que o tornou estimado, de todos e especialmente querido do pessoal de assistência do Funchal.

«Acção Sindical»

Acaba de aparecer o 1.º número de «Acção Sindical» órgão do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório de Lisboa.

Apresenta-se com optimo aspecto e boa colaboração, reflectindo o valor dos que o dirigem e da classe que o representa.

Ao novo colega as nossas saudações de boas vindas e o desejo de longa existência.

Visado pela

Comissão de Censura

Fantasia ou realidade?

Reportagem de uma viagem ao Brasil, a acompanhar emigrantes. Coisas que foram vistas ou sonhadas?

No cais...

Hora de embarque. No cais vai uma azáfama medonha!

Passam homens fardados de ganga, conduzindo milas, em passo apressado; cruzam vagonetas apinhadas de volumes de tôdas as formas e feitios; os guindastes gigantescos levantam sem cessar cargas enormes que lançam dentro dos porões do grande atlântico, insaciáveis...

Na borda do cais há gente que fala para bordo, palavras de despedida, saudades que começam...

O corropio continua, febrilmente; tôda aquela gente se move rapidamente, acovelando-se, atropelando-se, numa pressa de que ninguém vê a razão.

Há uma multidão tristonha apinhada junto aos armazéns, cosida com as paredes, de rostos inexpressivos, olhar vago de quem relembra paisagens distantes, amigas. Mancha de tom escuro, que se salienta, pelo contraste.

Essa multidão multiforme, de vestes pobres de desprezioso corte regional, comprimida, misturada infernal de sacos, e crianças tímidas, enroscadas nas pernas dos pais ou nas saias das mães, que as acarinhavam vagamente, preocupadamente.

Olham o navio com receio, aquêle navio enorme que seus olhos nunca tinham enxergado, que as levará longe, tão longe que o seu cérebro acanhado não poderá reter as perspectivas da Pátria, o verde-negro dos campos da aldeia que daqui a dias estará distante... muito distante.

São os emigrantes, que vão embarcar para terras brasileiras, em busca da fortuna ou simplesmente de trabalho certo e prolongado.

E caminham tristes, calcuriando com medo a escada que liga o navio ao cais.

Ao portalo

Ao portalo lá estão perfilados o médico português, o enfermeiro com seu fardamento azul de botões dourados e a cruz encarnada, símbolo de apoio e assistência, o ajudante, pronto e solícito. E depois os criados, de casaco branco, calça azul, apurados, rápidos no pegar das malas e no guiar naquela Babilónia flutuante o emigrante, até ao seu camarote, enquanto a

criada, com seu vestido azul, de avental branco de neve acompanha as crianças desconfiadas, mas logo rendidas, sensíveis aos carinhos e a solicitude de que são alvo.

É o pessoal português de assistência no seu primeiro contacto com os emigrantes, a primeira sensação de conforto que o patricio sente ao pôr o pé em terra estrangeira...

Andam os criados num vai e vem constante, a arrumar a passagem, enquanto em cima o pessoal de enfermagem se disvela em indicações e informes, debaixo das vistas vigilantes do médico, impecável no seu dolmam, com botões dourado e nos galões que brilham.

Dura horas a ver o fim daquela fila de gente simples, que numa lentidão saúdosa deixa de pisar a terra portuguesa.

São 13 horas. O embarque está feito e o Sol, este lindo Sol de inverno de Portugal, começa desaparecendo num disco vermelho, por detrás da serra do Monsanto.

O navio afasta-se, caminho da barra, e duas horas depois a costa ofusca-se dos olhos, cansados de o fitar, como última despedida.

Rumo ao sul

Os emigrantes espalham-se na escotilha, no deck da ré, nos corredores, estreitos da 3.ª, arrumando nos camarotes as caixas de folha, os sacos vermelhos, descansando por aqui e ali, onde há lugar que ofereça abrigo do frio que começa a cortar a face...

Andam como vendidos, olhar desconfiado em grupos, tristonhos, denunciando no olhar a amargura do abandono, a dor da saúde, da lareira que a esta hora tem outro dono...

No salão de comer vai uma azáfama enorme. O pessoal multiplica-se a pôr as mesas longas, a transportar os pratos, os talheres, as garrafas de vinho vermelho e apetitoso, o pão branco de bom trigo. São 300 passageiros, divididos por dois turnos.

Cada homem com a sua mesa de 25, enquanto na copa as criadas suam...

Primeiro jantar

Tudo a postos. Toca uma sineta e os emigrantes entram receosos, acanhados, pouco à vontade, ao encarar as longas

filas de mesas brancas de neve, onde simetricamente reluzem os copos e os talheres e há a sopa, uma sopa que cheira bem, fumegando nos pratos.

Surge o médico, com o restante pessoal de enfermagem; vem inquirir da qualidade do jantar. Percorre o salão de ponta a ponta, dirigindo a este uma palavra amiga, aquêle um conselho, aquêle outro ainda um incitamento ao apetite.

Por fim levanta a voz; faz-se silêncio: «Srs. passageiros: dou-lhes as boas vindas, e espero que façais uma boa viagem.

O Estado Português nos envia aqui para vos prestar a assistência que necessiteis. Tenho confiança em todo o pessoal que aqui vem sob as minhas ordens, e conheço o carinho que todos põem no cumprimento do seu dever.

Estarei sempre à vossa disposição para qualquer reclamação seja de que ordem for. Eu e todo o pessoal português velaremos por vós. Estejai, pois, à vontade. Desejo-vos bom proveito e até amanhã meus amigos!

Assim falou o médico inspetor, e as suas palavras tiveram o condão de animar, de levantar o moral daqueles patricios que ainda há pouco se julgaram abandonados de tudo, da Pátria, de conforto, de protecção, entregues à incognita do seu Destino.

E o salão animou-se, estabeleceram-se as primeiras convívências de mesa; já se viam sorrisos...

Entretanto, os criados iam e vinham de terrina na mão, repetindo a sopa, oferecendo, insistindo, com paternal deferência, de cara alegre, a inspirar confiança, a desanuviar tristezas.

Vem segundo prato, boa carne assada, com louras batatas fritas. Entram os garfos e as facas em acção, mais pão, e mais vinho... e o jantar decorre animado.

Vem depois a fruta.

Assistência moral

Entretanto os enfermeiros e o ajudante andavam junto dos restantes que aguardam a vez de jantar, inquirindo pelos camarotes das necessidades, esclarecendo, informando...

Termina o jantar do 1.º turno. Vai na copa um infernal movimento de lavagem de pratos, de copos, de talheres, enquanto no

A vida do mar

e a reforma dos marítimos

Presados camaradas: venho por este meio, perante todos, demonstrar o quanto é o valor do nosso serviço sobre o mar e a diferença que há entre o serviço de terra, e o de bordo. Um dia de trabalho a bordo, vale (se não por mais) por três dias de trabalho em terra. Na terra trabalha-se as horas regulamentares, e descança-se à noite.

No mar já não é assim;

No mar luta-se durante o dia com o trabalho, e à noite quando a gente se deita fatigados dos seus serviços durante o dia, muitas das vezes o nosso sono é despertado, agarrando-nos aos ferros da cama para dela não cairmos desastadamente. No mar não lutamos com o trabalho só; no mar lutamos contra as iras das fortes vagas; contra a tempestade, lutamos contra a temperatura nas regiões tropicais como lutamos com o clima das regiões glaciais. No mar lutamos contra as febres e molestias contagiosas; contra a neblina que nos esconde os recifes, os morros e até nos esconde a embarcação amiga que vem em nosso socorro.

Lutamos mais ainda com o terrível ciclone que tudo desbasta não havendo meio de se lhe resistir, nem deixando até os barcos que recebem o rádio ou houverem os pedidos de socorro, aproximarem-se pois que serão atingidos igualmente pelo mesmo fenómeno.

Lutamos mais ainda com a falta de compreensão de algumas palavras de idioma estrangeiro que por vezes nos não deixa cumprir tão prontamente quanto é o nosso desejo.

Com tôdas estas lutas, meus senhores, adquirimos a bordo feridas, entorsses, chagas, reumatismos, achaques estomacais e tantas outras molestias que um dia nos impossibilitam de trabalhar. Ora como um dia de trabalho a bordo vale por três cá fóra, é certo também que quem trabalha a bordo, dez anos esses anos valem por trinta. Portanto, temos que apelar para quem de direito, mostrando-lhe o nosso sacrificio e a nossa boa vontade de bem servir a Nação. Nem só os velhos carecem da reforma; os novos mesmo, necessitam também, pois que podem ficar inutilizados e ainda com muitos anos de vida.

Os dias que não andamos a bordo, ainda são os piores pois que não temos donde nos venha qualquer recurso. Nestas condições, pedimos, humilde e respeitosamente aos altos comandos para que tenham para nós um pouco de benevolência para não chegarmos ao extremo de termos de comer só um bocadinho de pão ainda que pequeno, êsse ensofado em lágrimas.

António da Costa Pinheiro
do Sindicato do Porto

Continua na pág. 4

A Caixa de Auxílio

e a sua utilidade

Está provado, discutido e até reconhecido, que a Caixa de Auxílio, tal como esta não dá aos associados regalia compensadora.

Claro é também que os seus fundos, e mais do que eles a importância das cotizações, não dão margem a que se enverede decididamente por um caminho mais largo em matéria de auxílio.

Muito se tem escrito, muito se tem discutido a acção da Caixa de Auxílio, e o facto dela ter capitalizado até hoje perto de 55 contos, leva muito associado a supôr que com este capital se poderia obter uma reforma do Regulamento da Caixa.

Puro engano; aquê capital não chegaria para dar um subsídio razoável a 5 associados durante dois anos, como poderemos provar.

Acalmem-se, porém os impacientes que a direcção tem em estudo uma proposta, que apresentará superiormente, tendente a dar uma solução rápida e definitiva à Caixa de Auxílio, com o qual — uma vez obtida — os sócios obteriam uma das suas maiores aspirações.

No próximo número traremos ao conhecimento da classe o conteúdo dessa proposta.

Se falhar esta tentativa única que reputamos decisiva teremos então que tomar nós próprios uma resolução.

Até lá aguardem os associados confiadamente a proposta a que nos referimos.

O nosso aniversário

O Assistente ao Emigrante, passou no número passado, mais um aniversário — o quarto da sua fundação.

As circunstâncias actuais, não nos permitiram que dêsemos ao facto o relevo que merecia, mas não impediu que nós o sentissemos na sua devida conta.

Durante estes tres anos, sem uma interrupção, singrando uma linha de conduta que define o leal e sinceramente a vontade da classe, os seus votos, as suas aspirações e as suas queixas, O Assistente ao Emigrante, cumpriu e continuará a cumprir a sua missão, modestamente embora, mas honesto de processos, claro de intenções e justo.

Para os que nos tem distinguido com palavras de elogio e incitamento, para os que nos tem auxiliado com a sua colaboração sempre útil e sempre benvinda, para os que sem outros recursos nos ajudam com a sua assinatura, para os que nos censuram até, para todos o nosso mais sincero reconhecimento.

Problemas da classe

Uma série de perguntas e as respostas que merecem.

Não foi baldadamente que no último número, quando da publicação da carta da associada Laura da S. Cardoso, apelámos para a classe, no sentido de trazer à direcção problemas que de algum modo, fossem de aproveitamento útil.

Assim é que, o associado Alexandre Ramos, nos traz oportunos temas de discussão, nas perguntas que nos faz na sua seguinte carta:

Senhor Director de O Assistente ao Emigrante,

«Tendo desembarcado no dia 25 de Março findo de Asturias, e lido umas perguntas que uma sócia lhe faz bem como as suas respostas, tudo inserto no n.º 37 daquelle nosso jornal, aproveito a oportunidade para também lhe fazer algumas perguntas, pois ignoro se certas determinações que existiam ainda estão ou não em vigor, evitando assim, «ser apanhado em alguma curva»:

1.º — O pessoal de Assistência é obrigado a estar a bordo, como até há pouco, antes do embarque dos emigrantes, e a assistir ao seu embarque?

Esta obrigação é também extensiva ao médico, nosso chefe a bordo?

2.º — Quando o médico, nosso chefe a bordo, marca hora para consulta pode aparecer muito depois da hora marcada ou mesmo deixar de aparecer, com prejuizo dos emigrantes que o queiram consultar e do pessoal que se fatiga esperando-o?

3.º — Ainda se mantém a obrigatoriedade de todo o pessoal da Assistência usar uniforme a bordo?

Estará exceptuado o médico, nosso chefe a bordo?

4.º — Quando o médico, nosso chefe a bordo, tem sob as suas ordens enfermeiro ou enfermeiros que não cumpridores dos seus deveres em relação às suas determinações ou prescrições, terá o direito de perguntar aos doentes se aquêles lhes deram o leite, o sumo de laranja, os comprimidos ou o «bicarbonato de sódio com antipirina e assucar?»

5.º — Sem motivo o médico, nosso chefe a bordo, pode gritar as suas ordens aos enfermeiros, e na presença dos doentes ou consulentes pode fazer-lhes indicações com modos bruscos?

Pode também, na presença d'estes fazer-lhes observações que deprimem os seus subordinados?

6.º — Os emigrantes terão necessidade de saber pelo médico, que as Companhias pagam ao pessoal da Assistência para os atender, e até, se preciso for, pagam operações cirúrgicas?

7.º — Os tratamentos ou consultas podem ter occasião sempre que o médico entenda: mas se o médico, nosso chefe a bordo, marcou para as 17 ou 21 horas, por exemplo, e só aparecer invariavelmente às 18 ou às 22 ou 23, os enfermeiros são obrigados a ir buscar ou chamar os doentes aos seus camarotes e a conduzi-los à sala de curativos mesmo contra sua vontade ou dos pais quando se trata de menores?

8.º — Os enfermeiros são obrigados a aguardar a chegada do médico por tempo indeterminado, uma, duas ou três horas?

Os enfermeiros, pela razão da sua profissão estão permanentemente de serviço: acresce a circunstancia de não terem o descanso necessário devido a vários factores como seja o calor excessivo nos seus alojamentos, a má situação dos mesmos, a falta de hygiene e de conforto, o ruído dos emigrantes e de guindastes nas proximidades, etc.

Terá o médico o direito de lhes tomar o seu tempo, até mesmo as horas de descanso com pequenos serviços?

9.º — Tendo o médico, nosso chefe a bordo, as chaves da sala de curativos em seu poder, e, nos portos, estando êle em terra e havendo emigrantes a bordo, se houver algum acidente ou doença súbita, que utilidade têm para os emigrantes os enfermeiros da Assistência?

São ou não são os enfermeiros os cooperadores dos médicos?

São ou não são funcionários de confiança quer pela sua categoria quer pela sua profissão?

Se são, qual a razão porque aos enfermeiros lhes não são confiadas as chaves da sala de curativos? Que culpa têm os actuais enfermeiros, que em tempos que não vão longe, um ou outro «enfermeiro autorizado» desviasse ampolas injectáveis ou artigos de penso, de bordo?

10.º — O Senhor Director deve saber que a bordo, dão-se por vezes, pequenos accidentes que são da competência do enfermeiro: porém, como não tem a chave da sala de consulta temos que procurar ou mandar procurar o médico, perdendo-se tempo, porque quasi sempre, êste não está no seu camarote. Não será êste um ponto digno de estudo?

Os médicos foram sempre os meus legítimos superiores, que eu sempre respeitei e considerei e aos quais, por força da minha profissão, e por principio eu sempre obedeci.

Na minha longa vida de enfermagem, tanto nos hospitais civis como nos militares ou ainda na Grande Guerra, cooperer com médicos de renome, com professores e especialistas que a pesar de meus superiores, foram comigo sempre delicados e atenciosos e que sempre me deram provas de consideração e estima. Desde que ingressei na Assistência aos Emigrantes, tenho tido chefes, que foram e são ainda nossos amigos, que são bons médicos, que são delicados e mesmo correctos e exemplares, os quais, sob todos os pontos de vista, têm direito ao nosso reconhecimento, ao nosso respeito e à nossa gratidão.

Ora sendo todos nós uma família, sendo todos nós portugueses que necessitamos de ganhar o pão, com que direito um ou outro chefe nos torna má a vida?

Se têm sentimentos cristãos, que se lembrem do ensinamento de Cristo «amai-vos uns aos outros».

A razão destas perguntas, Senhor Director, é o motivo apontado no começo desta carta: evitar de «ser apanhado em alguma curva».

Seu camarada, obrigado

A. Martins Ramos

Vamos responder às perguntas do presado associado, com a brevidade que a falta de espaço nos impõe, pela ordem da sua numeração.

1.ª pergunta — A melhor resposta está no artigo 54.º do Decreto 19.029, Regulamento dos Serviços de Emigração em vigor. Diz êle: *«Todo o pessoal de assistência deve encontrar-se a bordo devidamente uniformizado à chegada do médico inspector.»*

Como segundo o mesmo Regulamento o médico inspector tem de assistir ao embarque dos emigrantes, fácil se conclue, que o restante pessoal já lá deve estar antes do embarque dos passageiros.

2.ª pergunta — No Regula-

mento nada há sobre o assunto, mas é obvio que o médico, deve aparecer pontualmente. Na sua qualidade de chefe é evidente que tem de dar o exemplo da pontualidade, não fazendo esperar os passageiros.

3.ª pergunta — Diz o artigo 115.º do Regulamento que: *a bordo é obrigatório para o pessoal de assistência ao emigrante o uso do uniforme prescrito neste Regulamento, a saber (seguem as características dos uniformes).*

4.ª pergunta — O médico tem, pelo n.º 4.º do art. 47.º do Regulamento, direito a: *a exigir que os enfermeiros e seus ajudantes exerçam a bordo, junto dos emigrantes os serviços próprios da sua profissão, que por êles lhes sejam determinados.* Se têm êste direito, é natural que queiram certificar-se como são cumpridas as suas ordens.

5.ª pergunta — Não há nada no Regulamento sobre o assunto.

6.ª pergunta — Não vimos onde haja inconveniente em que os emigrantes saibam que o pessoal de assistência recebe ordenados para atende-los. Pois se é verdade!

7.ª pergunta — No Regulamento não se dizem quais serão as horas das consultas. É, porém, natural, que seja escolhida uma hora que não faça transtorno a ninguém, e que tal horário seja respeitado invariavelmente por todos. É pelo menos o que fazem no geral, todos os srs. médicos.

8.ª pergunta — Os enfermeiros são subordinados aos médicos assim como todo o pessoal.

Na resposta acima já se dá satisfação à parte final desta pergunta.

9.ª pergunta — Veja o artigo 35.º, § 2.º do Regulamento, que diz: *«Se a farmácia for destinada ao serviço de outros clínicos de bordo, o médico português será portador de uma chave de enfermagem, estando à sua disposição todo o material clínico e cirúrgico, não sendo permitido fornecer chave destas instalações ao enfermeiro ou ao ajudante de enfermagem.»*

10.ª pergunta — Quando o médico não quer desligar-se do cumprimento da obrigação acima, cuja utilidade ou inutilidade não discutimos agora, há o recurso em caso de acidente: levar o emigrante à farmácia privativa do navio e lá fazer-lhe o curativo.

Lamentamos não poder dar mais largo desenvolvimento aos quesitos d'este nosso associado, mas a falta de espaço com que lutamos nos impediem de fazê-lo.

Um problema a resolver

Os enfermeiros do quadro do Funchal

A nossa secção do Funchal, acaba de nos remeter cópia de uma exposição que entregou ao Ex.^{ma} Sr. Delegado da P. V. D. E., no Funchal.

E do teor seguinte:

A Secção do Funchal do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros, vem com muito respeito trazer à consideração de V. Ex.^a o seguinte:

Conhece V. Ex.^a tão bem como nós que o pessoal de assistência ao emigrante do quadro do Funchal, vem de há dois anos a esta parte sofrendo uma crise que não é pavorosa mas miserável, por virtude de falta de embarque.

A única corrente emigratória do Funchal, de 1935 a 1938 foi a de Curaçao, mas esta, mercê de uma isenção que nos esforçamos por anular, vedou ao pessoal do quadro do Funchal o único meio de trabalho.

Assim, esta classe não trabalhava havia cêrca de dois anos, como raras intermitências num ou outro elemento.

Ultimamente, porém, o Brasil abriu as suas fronteiras à emigração portuguesa e o pessoal de assistência ao emigrante do Funchal, conheceu então a alegria do trabalho, e foi entretendo o pão dos filhos.

Da-se no entanto, o seguinte: é que só embarcou o pessoal de camarás e cosinha, de ambos os sexos, e os enfermeiros ficaram, como antes, com 20 meses de terra, aguardando a altura do seu embarque, que, infelizmente nunca mais chega.

E não chega porque quasi todos os navios que vêm ao Funchal tocaram em Lisboa, metendo lá pessoal de enfermagem, o qual, como é sabido de V. Ex.^a, logo que venha uma equipe completa (enfermeiro e enfermeira) pode levar número ilimitado de emigrantes.

Em Lisboa, segundo nos informa a nossa séde, nada pode a Direcção do nosso Sindicato fazer, pois superiormente não é autorizado que os navios saiam com um enfermeiro a menos, a fim de dar entrada a um profissional dos nossos, desta categoria.

E acontece até, que quando o Sindicato de Lisboa não tem no seu quadro qualquer enfermeiro, tem de vir um do quadro do Porto, ou dos suplentes, enquanto que os enfermeiros do Funchal ficam em terra meses e meses sem possibilidade de um embarque.

Isto não nos parece certo. Nós que somos do quadro efectivo dos serviços de emigração, subordinados à mesma entidade como os nossos colegas de Lisboa e Porto, supomos que temos direito de vida igual.

Eis, porque rogamos de V. Ex.^a envide os seus esforços junto do illustre director da P. V. D. E., para que, quando não hajam enfermeiros em Lisboa se deixe vir o navio matriculá-lo ao Funchal, quando na sua rota toque neste porto, a fim de que os enfermeiros do nosso quadro tenham, como já tiveram os criados e criadas desta Secção, oportunidade de ganhar uns escudos com que possam fazer face às dificuldades da sua vida, atrazada com uma estadia em em terra de 20 meses. (o que se encontra em número um está em terra há 22 meses).

A V. Ex.^a confia esta Secção este problema, e espera do alto e sã critério dos nossos chefes, que nos seja deferida esta pretensão, que sem afectar seja quem for, permite uma distribuição de trabalho mais equitativa e humana.

A nossa séde enviamos cópia desta exposição, como é do nosso Regulamento, a fim de que ela por sua vez secunde este pedido.

Com os nossos agradecimentos a V. Ex.^a.

O Delegado.

*

Não podemos deixar de dar razão as palavras que acima se transcrevem. De facto os enfermeiros do quadro do Funchal são colocados à margem, como filhos bastardos.

Terão que morrer há mingua, porque embarque é coisa que eles não obterão!

Eles não são culpados de que o regulamento dos serviços não previsse o que se está dando. É mais um dos defeitos a apontar a esse diploma e dêle não podem ser culpados, porque não foram os seus autores.

Acima, porém, da rigida interpretação da lei, há um sagrado princípio de consciência.

E assim, sem que a lei deixasse de ser cumprida, os enfermeiros do Funchal podiam embarcar nos navios idos de Lisboa, quando aqui não houvesse desses profissionais, dando-se trabalho aqueles que ali se encontram em terra há 2 anos. Muito ao contrário, em Lisboa e no Porto determina-se o recurso aos suplentes, indivíduos que nunca embarcaram e aos quais os dirigentes não o têm dever de dar trabalho.

O bom critério manda que se distribuisse o trabalho pelos *da casa*, os efectivos, enquanto existisse um que dêle tivesse necessidade e direito, e só então se pensaria nos *de fóra*, os suplentes.

Os direitos que se adquirem na efectividade de um quadro, seja êle qual for, não podem

Escala de Vapores

durante o mês de Abril de 1939

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Gais	
1	Anselm.	Rocha	Toca no Porto
2	General Osorio	Alcantara	Toca no Porto
4	Almazorra	"	
5	Saturnia	Rocha	
5	Monte Roza	Alcantara	
11	H. Chifestain	"	
11	Monte Sarmento	Rocha	
12	Aurigni	Alcantara	Toca no Porto
18	Asturias	"	
20	General S. Martin	"	Toca no Porto
22	Hilari	"	Toca no Porto
25	Formoza	"	Toca no Porto
25	Highland Princess	"	Toca no Porto
27	Vulcania	Rocha	
29	Massilia	Rocha	

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Gais	
2	Hilari	Rocha	
3	Querguelen	Rocha	
9	Vulcania	Alcantara	
13	Cap Norte	Alcantara	
15	Massilia	Rocha	
15	Alcantara	Alcantara	
16	H. Brigad	Alcantara	
20	Belle-Isle	Alcantara	
21	General Artigas	Alcantara	
23	Saturnia	Rocha	
27	Monte Pascoal	Alcantara	
30	H. Patriot	Alcantara	

nem devem ser esquecidos, porque são sagrados, e sagrados para todos!

Esperamos, que a petição da nossa Secção do Funchal, tenha o bom acolhimento que merece.

Fantasia ou realidade?

Continuação da 2.^a pag.

salão tudo se apresta para o segundo turno.

Há camisas que já se agarraram às costas tal o esforço da acção, verdadeira maratona em volta das mesas, e destas para a copa.

E vêm mais 150 emigrantes, novo e idêntico discurso do médico; o programa repecte-se.

Chega a vez do pessoal comer. Refeição rápida, porque o trabalho urge.

Enquanto uns arrumam e limpam o salão, outros vão à rouparia, carregar mantas, lençoes e fionhas. Começa outra faina mais árdua: a distribuição de mantas, lençoes, travesseiros, fazer camas, etc.

Dez horas! Parte, grande parte mesmo dos passageiros recolheram ao camarote, onde vão descansadamente passar a sua primeira noite de bordo.

E o navio sulcando silenciosamente os mares, vai a caminho do Brasil, levando no seu ventre tantas vidas preciosas...

(Continua no próximo número)

Sindicato

Resumo do movimento de Caixa no mês de Fevereiro de 1939

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	52560
Cotas	1.300500
Rendas	240500
Despesas Gerais	531505
Orgão de Imprensa	110500
Telefone	2500
Total	2.235565

CRÉDITO	
Rendas	350500
Despesas Gerais	202530
Orgão de Imprensa	591500
Empregados	1.060500
Total	2.203530
Saldo para Março	32535
Total	2.235565

CAIXA DE AUXÍLIO

Resumo do Movimento de Caixa no mês de Fevereiro de 1939

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	7.954552
Cotas	1.272565
Total	9.227517

CRÉDITO	
Rendas	110500
Fundo de doação	498500
Despesas Gerais	610500
Empregados	50500
Total	1.268500
Saldo para Março	7.959517
Total	9.227517

FUNDOS EXISTENTES	
Em dinheiro	7.959517
Em Títulos	42.793550
Total	50.752567